

PETRÓLEO E GÁS

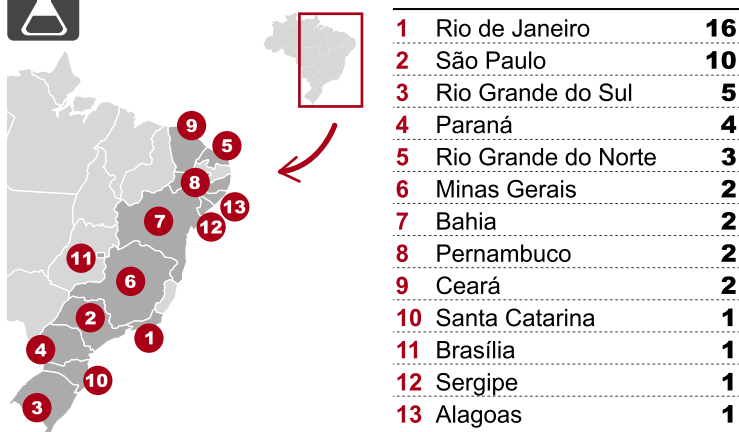
INOVAÇÃO: PETROBRAS ESQUECE ESPÍRITO SANTO

Apesar de 2º maior produtor, Estado não recebe laboratórios

PESQUISA & DESENVOLVIMENTO DA ESTATAL LONGE DO ESTADO

O programa Tecnologia em Rede da Petrobras, plano desenvolvido pela companhia por meio do Centro de Pesquisas (Cenpes) junto à universidades de várias partes do Brasil, não chegou ao Espírito Santo.

ONDE ESTÃO OS LABORATÓRIOS



ONDE ESTÁ A PRODUÇÃO DE PETRÓLEO

Os números são de maio de 2013



Em barris

1.411.121



OS INVESTIMENTOS E A INFRAESTRUTURA EM P&D DA PETROBRAS

■ Em 2011, a Petrobras aplicou **US\$ 1,5 bilhão** em P&D, um aumento de **47%** em relação a 2010. Os números de 2012 ainda não foram divulgados.

■ Projetos de infraestrutura de P&D financiados pela companhia e implantados em instituições de ciência e tecnologia. Só foram divulgados números aproximados:

Rio de Janeiro	40	Pernambuco	5 a 8
São Paulo	40	Ceará	5 a 8
Minas Gerais	10 a 14	Distrito Federal	1 a 4
Rio Grande do Sul	10 a 14	Sergipe	1 a 4
Rio Grande do Norte	10 a 14	Alagoas	1 a 4
Espírito Santo	5 a 8	Paraíba	1 a 4
Santa Catarina	5 a 8	Maranhão	1 a 4
Paraná	5 a 8	Pará	1 a 4
Bahia	5 a 8	Amazonas	1 a 4

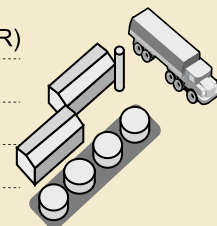
Fontes: Petrobras e ANP

Centros de Tecnologia de grandes fornecedores

O Rio de Janeiro abriga os centros da Baker Hughes, da Schlumberger e da FMC Technologies

Núcleos experimentais

Tecnologia de refino (São Mateus do Sul - PR)
Núcleo Experimental de Taquipe (Bahia)
Núcleo Experimental de Miranga (Bahia)
Núcleo Experimental da Atalaia (Sergipe)
Núcleo Experimental de Fortaleza (Ceará)



▄ **ABDO FILHO**
afilho@redgazeta.com.br

Quando o assunto é produção de petróleo, o Espírito Santo ocupa lugar de destaque no Brasil. No mar e em terras capixabas foram extraídos, em maio, 327.461 barris de óleo por dia, quase tudo pela Petrobras. Neste ranking, o Estado está atrás apenas do Rio de Janeiro, que teve uma produção média diária, em maio, de 1,411 milhão de barris, e muito à frente de São Paulo, terceiro maior produtor, com 69.645 barris/dia.

O mesmo protagonismo não se dá, entretanto, quando o assunto são os investimentos da Petrobras em pesquisa e desenvolvimento (P&D). No ranking que possibilita mais inovação, desenvolvimento de

novas tecnologias e agregação de valor, o Espírito Santo é, com muita boa vontade, meio de tabela.

O site da companhia, na parte de tecnologia e pesquisa, elenca os principais laboratórios construídos a partir do projeto Redes Temáticas – modelo de parceria tecnológica com universidades e institutos de pesquisa desenvolvido pela Petrobras. Ao todo são 50 espalhados por todo o Brasil, nenhum deles no Espírito Santo.

No relatório de tecnologia da Petrobras de 2011, o Espírito Santo aparece ao lado de Santa Catarina, Paraná, Pernambuco (Estados que não produzem uma gota de óleo), Bahia e Ceará na faixa entre cinco e oito (o documento não fornece dados precisos) projetos de in-

fraestrutura de P&D. Bem abaixo de Minas Gerais, Rio Grande do Sul (que também não têm petróleo) e Rio Grande do Norte, que estão na faixa de 10 a 14 projetos, e Rio de Janeiro e São Paulo, com mais de 40.

O relatório mostra ainda que o Espírito Santo não conta com núcleos experimentais – estão na Bahia (dois), Sergipe, Ceará e Paraná – e centros de tecnologia de grandes fornecedores – todos os três no Rio.

SURPRESA

O professor Eustáquio de Castro, coordenador do LabPetro da Ufes e representante da universidade no Centro de Competências em Óleos Pesados (Copes), se mostrou surpreso com o fato de nenhum la-

boratório do Espírito Santo ter entrado na lista do projeto Redes Temáticas.

“Não sei lhe dizer o que aconteceu. Hoje, temos mais de 40 convênios com a Petrobras. Entre 2007 e 2013, mais de R\$ 100 milhões foram investidos aqui na Ufes. Só no núcleo de química do petróleo são mais de R\$ 40 milhões em projetos. Há projetos na Química, nas Engenharias, na Biologia, na Oceanografia, na Física e na Geologia”.

Mesmo apresentando os projetos, o professor reconhece que o Estado deve brigar por mais recursos. “Investimento em P&D também é uma forma de compensação, assim como os royalties. Queremos ficar apenas com a produção e com os riscos dela ou quere-

mos formar pessoas? Com nossos estudantes bem formados, temos mais tecnologia, inovação, valor agregado e renda. Não há compensação melhor do que essa”.

No ano passado, foram concedidas três patentes para produtos desenvolvidos nos laboratórios da Ufes, até o final deste ano, devem ser outras quatro.

Na avaliação do secretário estadual de Desenvolvimento, Nery De Rossi, o número reduzido de projetos de Pesquisa & Desenvolvimento no Estado deve-se ao fato de a produção de petróleo em larga escala no Estado ter começado somente nos anos 2000.

“A produção no mar capixaba só começou há oito anos, antes disso não havia motivo para um grande

parque de pesquisas por aqui. Nos últimos anos foram feitos investimentos, mas P&D não se faz de uma hora para outra, demanda laboratórios, equipamentos e gente qualificada, é um trabalho lento”.

Nery lembrou que na década de 70, antes das descobertas gigantes na bacia de Campos, Bahia e Rio Grande do Norte eram os grandes produtores de petróleo do país. Ele descartou viés político nos muitos laboratórios construídos no Nordeste.

SEM RESPOSTA

A reportagem de A GAZETA esteve em contato com a assessoria de imprensa da Petrobras por duas semanas, mas não obteve qualquer resposta.

EDSON CHAGAS - 03/08/2012

**Alunos no Centro de Competência de Óleos Pesados na Ufes: espaço ameaçado**

Pesquisador teme fuga de recursos para Rio e São Paulo

Se o Centro de Óleos Pesados for para a sede na Reta da Penha, Ufes pode perder projetos

▄ **ABDO FILHO**
afilho@redegazeta.com.br

O professor Eustáquio de Castro, responsável pelo LabPetro da Ufes, está preocupado com o futuro das pesquisas no setor de óleo de gás aqui no Estado. Ele teme que a saída do Centro de Competência de Óleos Pesados – que hoje funciona no campus de Goiabeiras – das dependências da universidade prejudique os investimentos em P&D que hoje vão para a Ufes.

“Pode ser que o Copes vá para a sede da Petrobras, na Reta da Penha, isso pode desmobilizar o que vem funcionando

muito bem, o modelo é único no Brasil. O Copes faz a ponte entre a Ufes e a Petrobras. É por meio do centro que o dinheiro chega, nossa interlocução, por conta dessa proximidade, é muito boa. Meu medo é que esse dinheiro passe a ir para Rio e São Paulo”, argumenta o professor.

Castro chama atenção para o risco do Espírito Santo ficar alijado do processo de desenvolvimento de novas tecnologias para a indústria de petróleo e gás. “Os investimentos em inovação são altos, o pré-sal é desafiador. Será que o Espírito Santo mais uma vez vai ficar de fora do processo? Temos de brigar para que mais coisas venham para cá e não apenas ficar com o que já temos”.

No ano passado, a Pe-

trobras investiu US\$ 1,1 bilhão em Pesquisa & Desenvolvimento. Entre 2009 e 2011, foram US\$ 3,1 bilhões. “Entre 2007 e 2013, foram cerca de R\$ 100 milhões investidos aqui, temos de buscar condições para ir além”.

O especialista sabe como poucos contabilizar o preço que se paga quando se fica longe desses investimentos. “A inovação simplesmente será feita longe daqui. Não só a Ufes será prejudicada, mas todo o Estado. Não podemos ficar só com a produção e com os técnicos, precisamos formar cérebros, gerar tecnologia, agregar conhecimento e, consequentemente, valor à nossa indústria. É preciso agir e deixar a posição de coitadinhos de lado”.

CRESCIMENTO X SALÁRIO

Culpa do “pibinho”: trabalhador perde poder ao negociar reajuste

Ganho real médio dos dissídios até maio foi de 1,4%, bem abaixo dos 2,23% em 2012

RIO

▄ O forte desaquecimento da economia já afetou as negociações salariais de categorias com data-base no primeiro semestre do ano. Dados preliminares do Dieese revelam que o ganho real médio dos dissídios negociados entre janeiro e maio chegou a 1,4%, bem abaixo dos 2,23% alcançados no primeiro semestre de 2012.

O balanço completo será divulgado na segunda semana de agosto, mas o resultado das negociações apuradas até maio indicam um cenário mais difícil para as grandes categorias que terão de negociar seus salários no segundo semestre, caso de metalúrgicos, bancários, comerciários e petroleiros.

“A julgar por esses dados, a tendência é de um quadro mais difícil para as negociações das categorias que têm data-base



Petroleiros em serviço: categoria tem data-base neste segundo semestre

neste segundo semestre do ano”, analisa José Silvestre, economista e coordenador de Relações Sindicais do Dieese.

Ele observa que, ao contrário do ano passado, 2013 começou ruim, com inflação e juros mais altos, mas pode melhorar no segundo semestre. Mesmo

que haja uma mudança no quadro econômico, ele não crê que a média dos ganhos reais ultrapasse o conseguido no ano passado. Além disso, diz que os dados preliminares também apontam para um recuo do número de negociações que deverão ter ganho real e uma possível

queda do percentual médio, que deve ficar abaixo dos 1,96% de 2012.

“Está claro que, mesmo que a economia cresça mais que em 2012, entre 2% e 2,5%, o cenário é adverso para os trabalhadores. Não é um cenário róseo, mas também não é de “terra arrasada”, diz.

DIVULGAÇÃO

BANCÁRIOS

5 mil

postos de trabalho

Foi a redução no número empregos de bancários só no 1º semestre deste ano. A categoria reúne 500 mil profissionais no país e quer 5% de reajuste acima da inflação.

Apesar das dificuldades, os sindicalistas não pretendem abrir mão de aumentos reais que começam em 5%.

Os bancários, que reúnem 500 mil trabalhadores e apresentam a pauta de reivindicações aos bancos na próxima terça-feira, estão pedindo reajuste de 5% acima da inflação e um piso maior, de cerca de R\$ 1,5 mil para pelo menos R\$ 2.860, valor calculado pelo Dieese, entre outras reivindicações.

Com data-base em setembro, a categoria perdeu quase 5 mil postos de

trabalho no primeiro semestre do ano. Apesar disso, a direção da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf) não vê motivo para recuar nas negociações.

“Mesmo aumentando os lucros e mantendo a mais alta rentabilidade do sistema financeiro internacional, os bancos brasileiros, principalmente os privados, continuam demitindo trabalhadores e empregando a rotatividade para reduzir os salários”, comentou Carlos Cordeiro, presidente da Contraf-CUT.

Assim como os bancários, que têm data-base nesta segunda metade do ano, sindicalistas de categorias como as de metalúrgicos, petroleiros e comerciários informam que, a despeito do desaquecimento da economia e dos primeiros sinais de fraqueza no mercado de trabalho, não vão abrir mão de acordos garantindo a reposição da inflação mais o pagamento de ganho real.